



**Veredas Temática:**

**Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares**

**Volume 22 nº 1 - 2018**

---

**“Tinha uma cartomante e ela leu o meu futuro”: análise de uma trajetória de vida  
(co)construída na interação**

Odete Firmino Alhadas Salgado (PUC-RIO)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar uma narrativa produzida a partir da interação entre a participante (mãe da pesquisadora), a própria pesquisadora e uma obra literária que contextualizou a conversa informal. O alinhamento metodológico se dá com a pesquisa qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006), por ser um estudo situado em teorias de bases sociais e interpretativas e com a autoetnografia (ELLIS; BOCHNER, 2000), por conectar a experiência pessoal com questões socioculturais, explorando o ambiente familiar como lócus de (co)construção de conhecimento. Os resultados indicam que a interlocutora Cássia produziu uma narrativa canônica, nos termos labovianos (LABOV, 1972), que se constitui uma trajetória de vida (LINDE, 1993), e (co)constrói uma identidade (MISHLER, 2002) pela diferença a partir do contexto da leitura prévia da obra e da interação comigo, que desconheço o ponto da história, isto é, a própria razão de ser da narrativa.

Palavras-chave: narrativas; história de vida; autoetnografia; interação.

## Introdução

*Se esta história não existe, passará a existir.*

*A hora da estrela*  
Clarice Lispector

Em geral, o contato com o mundo dos livros começa muito cedo. Folheamos as primeiras páginas quando crianças e contamos histórias antes de decifrar o código da escrita. Muitas vezes, de fato, é no formato escrito que o discurso literário se materializa. Entretanto, criamos histórias desde que nos constituímos como seres de linguagem no mundo, pois as narrativas são propriamente o ato de (re)contar na interação com o outro, ou seja, constituem um discurso organizado temporalmente, (co)construído em nossas relações sociais.

Por conseguinte, é possível dizer que a literatura, e o que convenciono chamar de discurso literário, surgiu de nossa capacidade humana e social de (re)contar histórias. Só fazemos literatura porque organizamos nosso discurso oral de modo a narrar algo a nossos interlocutores. Estamos sempre contando algo que aconteceu, buscando uma maior compreensão para nossas experiências e construindo nossas identidades em conjunto com o outro. Nossas pequenas narrativas diárias são práticas sociais, assim como a leitura de uma obra literária. É por meio das histórias que organizamos nossa experiência de vida e construímos sentido sobre nós mesmos.

Entendendo a literatura e as narrativas orais como práticas sociais, percebo que a leitura literária é uma situação de linguagem que acontece na sociedade e não pode ser compreendida fora de seu contexto, isto é, uma obra só pode ser entendida a partir das circunstâncias de sua produção. Para além disso, é preciso observar o contexto de leitura e a recepção do leitor que (co)constrói sentidos ao abrir o livro. Logo, este trabalho propõe uma reflexão sobre a vida social e sobre a literatura como modo de ser e estar no mundo.

Este trabalho é parte de uma pesquisa maior<sup>1</sup>, cujo foco é a análise de narrativas geradas na interação entre leitores e obras literárias, tendo como temática central a migração. Sendo assim, o ambiente de geração de dados é contextualizado pela literatura, que conduz e é pano de fundo para a interação. Neste recorte, meu propósito é analisar uma narrativa produzida na interação entre mim (pesquisadora) e a participante Cássia (minha mãe), a partir da leitura da obra literária *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e gerar alguns entendimentos sobre as (co)construções identitárias que ocorrem nessa interação com o texto.

### 1. Caminho percorrido

O alinhamento metodológico deste estudo se dá com a pesquisa qualitativa, pois ela preocupa-se com o contexto de geração dos dados e com seus aspectos sociais, olhando para um universo que não pode ser quantificado. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa, entendida em si mesma como um campo de investigação, pode ser conceituada como uma “atividade situada, que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Questionando e, ao mesmo tempo, se afastando de uma concepção positivista de ciência, a pesquisa qualitativa olha para os significados das práticas sociais, o

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é um recorte de minha pesquisa de doutoramento ainda em curso.

que vai de encontro à concepção de linguagem e de fazer literário como modo de ser e de estar no mundo.

Compreendo que, neste estudo, a objetividade é posta sob suspeita para uma valorização da subjetividade dos participantes, incluindo a da pesquisadora. Penso que os significados que criamos discursivamente não estão previamente dados, mas, assim como na leitura literária, (co)construímos nossas representações de mundo. Sendo assim, este trabalho não objetiva encontrar uma verdade ou mesmo gerar uma compreensão sobre algo real que poderia, por ventura, ser apreendido.

Minhas análises são situadas em um determinado contexto, logo também são uma construção discursiva e não necessariamente correspondem a uma dada realidade. É importante mencionar, ainda, que devido a esse alinhamento epistemológico, não existe a necessidade de refletir sobre a veracidade das narrativas que serão geradas por meio da leitura literária. Reitero, portanto, que meu interesse está voltado para a interação entre a pesquisadora e a participante com a obra literária e a construção de sentidos geradas.

Eu participo desta interação junto com Cássia, minha mãe, a partir da leitura da obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector. Essa obra foi selecionada a partir do contexto de vida da participante, que imigrou do Nordeste para o Sudeste ainda na adolescência, temática retratada na obra literária. Minha intenção era, de fato, causar alguma identificação entre minha mãe e a obra de Lispector. Desse modo, era esperado por mim que a interlocutora contasse, durante nossa conversa informal, histórias sobre sua imigração para o Rio de Janeiro, Estado onde mora atualmente.

O contexto das narrativas de migração sempre esteve ligado à minha vida, afinal cresci escutando histórias da vinda de minha mãe para o Rio de Janeiro e, também, de minha família paterna, que imigrou de Portugal. Em vista disso, por situar esta pesquisa no âmbito familiar, busco respaldo na autoetnografia, que se constitui um método qualitativo que abraça as reflexões do pesquisador como objeto de estudo. Em uma concepção autoetnográfica, é possível compreender o meio e os outros envolvidos por meio de um olhar sensível para as minhas próprias subjetividades.

Segundo Ellis e Bochner (2000), a autoetnografia pode ser entendida como um gênero autobiográfico que conecta o pessoal e o cultural, objetivando requalificar a relação entre objeto e observador ou entre participante e pesquisador, priorizando a interação entre eles. Assim, a experiência pessoal tem sua importância ressaltada, sendo compreendida como construção de conhecimento. O pesquisador pode, então, ocupar o lugar da subjetividade, assumindo a impossibilidade de ser imparcial diante da vida social da qual é parte. Os autores acreditam que a autoetnografia possibilita uma série de reflexões significativas para o pesquisador e para o mundo, possibilitando ao autor transpor para seu estudo todas essas experiências emocionais, revelando detalhes ocultos da vida privada. (ELLIS; BOCHNER, 2000). Esse entendimento permite, portanto, meu envolvimento enquanto pesquisadora, a inclusão de meus pensamentos e de minhas opiniões reflexivas diante do estudo em curso.

É preciso esclarecer, apesar disso, que este trabalho não é um “escrever sobre si mesmo”, mas sim uma reflexão que parte de experiências pessoais, emocionais, sociais e discursivas (co)construídas sobre a sociedade, produzindo teorizações caras ao ambiente acadêmico. Também considero pertinente ressaltar a importante reflexão sobre questões éticas que perpassam este trabalho. Ellis e Bochner (2000) lembram que, à medida que uma narrativa pessoal é desenvolvida, o contexto e as pessoas que interagem com o participante começam a surgir na prática reflexiva.

Dessa forma, o consentimento dos participantes é fundamental, visto que nessas narrativas emergem questões sensíveis, emotivas e de cunho particular. No presente estudo,

ao olhar para uma interação com minha mãe, é possível perceber a emergência desses conteúdos que podem, inclusive, deixar em situação de vulnerabilidade a minha própria figura de pesquisadora, justamente por me situar como personagem da narrativa e, logo, como alvo da própria análise. Contudo, além do consentimento de ambas as partes (participante e pesquisadora / mãe e filha), reitero a honestidade com a qual os dados foram selecionados, transcritos e analisados, visto que não há a intenção, de me apresentar, nos dados, sob uma luz favorável.

O encontro das interlocutoras com a obra literária aconteceu no dia 02/05/16, na casa das participantes. Por motivos de nível de letramento, Cássia, minha mãe, ouviu a história que foi lida por mim. Penso que esse movimento de escuta não invalida a prática social de leitura, pois, quando muito pequenos, não alfabetizados, nós ouvimos histórias de nossos pais e folheamos livros, ou seja, já temos certo nível de letramento literário (COSSON, 2014). Considerando o letramento em um contínuo (SOARES, 1998, p. 70), acredito que contar a história para minha mãe foi um momento de prática social de letramento literário crítico, pois nossa discussão ao longo da leitura e posterior a ela, que gerou muitas narrativas, foi reflexiva.

O momento da leitura da obra foi realizado de forma dividida: a primeira parte à tarde, gerando o primeiro áudio de 01:51:07s; e a segunda, à noite, gerando o segundo áudio com 01:55:10s. Como eu esperava, Cássia produziu algumas narrativas sobre sua vida difícil na Paraíba, sua chegada ao Rio de Janeiro e também contou sobre como era ser nordestina e empregada doméstica. No entanto, uma de suas narrativas, a que escolho para analisar neste trabalho, despertou minha atenção em particular. Diferente das demais narrativas em que contava esporadicamente um ou outro episódio de sua vida, minha mãe organiza seu discurso de modo a contar toda sua trajetória de vida a partir de uma dada perspectiva.

Essa narrativa em questão surgiu após o término da leitura da obra, enquanto conversávamos informalmente e de forma reflexiva sobre os acontecimentos que culminaram na morte de Macabéa – personagem principal de Clarice Lispector em *A hora da estrela* –, se localizando, portanto, durante a interação dos minutos 01:38:22s e 01:45:35s do segundo áudio. Esse recorte de nossa interação, que escolho para esta análise, encontra-se inteiramente transcrito (cf. Anexo I) a partir das convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversação (cf. Anexo II).

Observo, na análise desta narrativa, a estrutura básica proposta por Labov (1972) e como Cássia transita pelo mundo dual da narrativa (BRUNER, 1997 [1990]). Por apresentar uma história de vida, trago a perspectiva de Linde (1993) e discuto, brevemente, a concepção de Bamberg e Georgakopoulou (2008) para as narrativas curtas e longas. Além disso, relaciono a esse estudo a noção de (co)construção de identidade a partir de Mishler (2002) e diálogo com Goodwing (1984), que trata sobre “personagem principal”, uma noção de pesquisadora-personagem. Segundo Bastos e Biar (2015), a análise de narrativa fornece instrumental teórico-metodológico para observar o discurso em interação, além de ser útil na medida em que promove um diálogo interdisciplinar, volta seu olhar para diversos atores sociais e em diversos contextos de produção, compreende o discurso narrativo como prática social constitutiva da realidade, nega a possibilidade de identidades estereotipadas e gera maior compreensão dos processos de resistência e de reformulação identitária (BASTOS; BIAR, 2015, p. 102-103).

## 2. Tinha uma cartomante e ela leu o meu futuro

Penso que a narrativa que escolhi para esta análise foi motivada pela contextualização feita pela leitura do livro, pela interação comigo (filha da interlocutora Cássia) e por contar um evento até então desconhecido por mim (a ida a cartomante aos dez anos de idade). Essa configuração é importante para a própria organização de seu relato. É por meio desse ponto que Cássia estrutura toda sua narrativa e é isso que torna sua história extraordinária – ela foi a uma cartomante, que é muito boa, e que acertou tudo em sua vida.

Os estudos da narrativa foram introduzidos na Sociolinguística por Labov e Waletzky (1968) e Labov (1972), que priorizavam a estrutura e as características formais. Segundo Labov (1972), a narrativa é um método para se recapitular uma experiência passada e se constitui como uma combinação de uma sequência verbal de orações com uma sequência de eventos. Essas narrativas representariam uma ordem cronológica dos eventos passados, possuindo uma correspondência no “mundo real”.

De acordo com Labov (1972), as principais características de uma narrativa são: (i) ter um ponto, uma razão de ser da própria narrativa; (ii) ser contável, fazer referência a fatos extraordinários, não comuns, indicando sua reportabilidade (eventos completamente previsíveis não se prestam a serem narrados); e (iii) conter avaliação, que indica o ponto. O autor também propõe uma estruturação com elementos optativos e obrigatórios, que veremos com maiores detalhes a seguir. De acordo com Bastos e Biar (2015, p. 105), Labov convencionou o que chamamos, atualmente, de modelo canônico de narrativa.

Os estudos de Labov (1972) foram pioneiros, abrindo portas para as narrativas no campo da linguagem, e ainda influenciam muitas pesquisas que os utilizam para uma análise formal. Contudo, inúmeras críticas são feitas por serem estudos que tratam a narrativa de forma descontextualizada, o que limita sua força analítica e seu potencial como locus privilegiado para entender o mundo (BASTOS, 2005, p. 77). Segundo Bastos (2005, p. 77), as críticas são provenientes, além do mais, pelo fato de o autor não problematizar a relação entre evento passado, memória e narrativa, ou seja, há a prevalência de uma visão representacionista da narrativa. Apesar dessas críticas, o método de Labov (1972) ainda se mostra um recurso bastante útil, como veremos nas análises, quando aliado a outras perspectivas de cunho Socioconstrucionista.

Em termos labovianos, minha mãe produz uma narrativa canônica, com uma estrutura bem definida. É possível observar a existência de um narrador, que narra um episódio específico, uma sequência temporal organizada no passado e, ainda, há um drama, um conflito evidenciado pelo episódio que desencadeia toda uma trajetória de vida da interlocutora. Pretendo exemplificar e discutir, a seguir, a estrutura laboviana na narrativa produzida na interação com Cássia no contexto de leitura da obra literária.

O primeiro elemento proposto por Labov é o resumo, que é um elemento optativo, embora seja muito comum que as narrativas comecem por enunciados que a sumarizem. Em geral, segue-se ao resumo, uma orientação que identifica os personagens, o tempo, o lugar e as atividades narradas. Isso é necessário à contextualização da sequência de eventos, mas, para Labov (1972), esse também não é um elemento obrigatório e pode, inclusive, aparecer em outros momentos da narrativa. No fragmento 1, é possível observar essa estrutura inicial que contém, além do resumo e da orientação, uma avaliação.

## Fragmento 1

30	Cássia	[dete] olha né mas- a- ... tinha uma cartomante	Resumo
31		... lá ... lá em cuité que se dava com a minha mãe ela era	Orientação/Avaliação
32		boazinha ... quando a gente não tinha comida ela dividia	Avaliação
33		as coisas com a minha mãe °(era) cartomante ela° ... e ela	Aval./Orientação/Res.
34		leu o meu futuro ...	Resumo

A avaliação, segundo Labov (1972), explicita o ponto de vista do narrador em relação à narrativa, ou seja, comunica ao ouvinte a própria razão da narrativa, o seu ponto, o que justifica sua reportabilidade. No fragmento 1, é possível perceber que Cássia avalia a cartomante antes mesmo de fechar o resumo do que vai ser narrado a seguir. Esse dado é importante, pois ao longo de toda a narrativa há uma reiteração de avaliações positivas em relação à cartomante – uma afirmação de que ela é muito boa. Cássia cria vários significados para a “cartomante boa”. Começa avaliando-a como uma pessoa que dividia comida com sua mãe, uma pessoa de bom coração, caridosa.

O fragmento 2 mostra que, ao longo na narrativa, na medida em que a cartomante acerta tudo na vida de Cássia, as avaliações sobre ela ganham significados ligeiramente diferentes. Ela continua sendo uma “cartomante boa”, mas agora no sentido daquela que detém um dom divino, um saber oculto. Essa cartomante é muito boa no que faz, seu poder divinatório é de outro mundo.

## Fragmento 2

94	Cássia	anos ... dito e feito quase oitenta anos ... essa mulher	Ação complicadora / Avaliação
95		vou te contar dona maria cartomante é foda ... entendeu?	
96		... que:: eu tin- eu ia ter uma filha que ia ser professora	
97		... impressionante professora ... entendeu? ... que não	
98		ia- que no momento não ia casar com ninguém ia morar com	
99		um homem com um rapaz ... está morando com um rapaz [hehehe]	
100	Odete	[ela]	
101		falou isso tudo quando você tinha DEZ anos de [idade?]	
102		((com tom risonho))	
103	Cássia	=[dez anos]	
104		de idade [dez anos de idade] o pessoal gostava muito dela	
105	Odete	[po::]	
106	Cássia	ela tinha muito (cliente) tudo que ela falava com as	Avaliação/ Ação complicadora
107		pessoas acontecia ... entendeu? ... e QUE EU ... não ia	

Para Labov (1972), a avaliação pode ser feita de forma explícita, quando o narrador para o relato, como se fizesse um parêntese, e dá sua opinião direta ou de forma implícita, quando o narrador usa estratégias, recursos expressivos que não interrompem o fluxo dos eventos narrados. Cássia faz uso desses recursos, apresentando suas avaliações sempre de forma encaixada na narrativa. No fragmento 1, a avaliação está encaixada no meio do resumo e da orientação, e acredito que ela aparece já no início, pois é relevante para Cássia mostrar para mim seu entendimento sobre quem é a cartomante e seu relacionamento com ela.

É provável que Cássia esteja (co)construindo, nesse momento, a própria identidade dessa cartomante. No fragmento 2, a avaliação também aparece encaixada na ação complicadora, o que acontece com frequência nessa narrativa. Minha mãe reiteradamente avalia positivamente a cartomante. Ela afirma, no presente, que a “cartomante é foda”, e vai ao passado, dizendo que “ela tinha muito (cliente)” e que “tudo que ela falava com as pessoas acontecia”, logo ela é boa. Creio ser de suma importância que Cássia continue avaliando reiteradamente a cartomante como boa para seu *gran finale* que é a resolução, finalizada pela coda, como veremos a seguir.

O único elemento obrigatório da estruturação proposta por Labov (1972) é a história propriamente dita, chamada pelo autor de ação complicadora, que podemos chamar de parte mínima da narrativa. Ela é constituída de orações narrativas ordenadas temporalmente e, em geral, com verbos no passado. O fragmento 3 exemplifica parte da longa sequência de ação complicadora que aparece na narrativa de Cássia.

### Fragmento 3

38	Cássia	=entendeu? ... <u>que eu ... ia morar com homem depois de</u>	Ação complicadora
39		<u>muito tempo quase trinta anos ... um homem branco família</u>	
40		<u>de fora português não do brasil ... que eu ia morar em um</u>	
41		<u>quarto em um lugar pequeno não ia ser rica ia morar em um</u>	
42		<u>lugar pequeno ... ela contou toda a minha vida ela botou</u>	Avaliação

Estudos mais recentes problematizam a perspectiva laboviana, compreendendo a narrativa como uma recriação ou reorganização da experiência. Diferentemente de Labov, o entendimento Socioconstrucionista percebe que, quando contamos uma história, podemos recriar nossas lembranças e essa reinterpretação discursiva muitas vezes passa a ser nossa memória do que aconteceu (BASTOS, 2005).

Um dos autores que problematizou a perspectiva laboviana, na Psicologia Social, é Bruner. Para o autor (BRUNNER, 1997 [1990], p. 34), a vida humana é uma peça que já está em andamento com um enredo um tanto aberto que determina que papéis podemos desempenhar e em direção a que desfechos podemos nos dirigir. Segundo a visão de Bruner (1997 [1990]), é a cultura, e não a biologia, que molda a vida, que dá significado à ação, ou seja, é a cultura que constitui a mente.

Entender o homem é compreender como suas experiências e atos são moldados por estados intencionais e como esses estados se realizam apenas por meio da participação em sistemas simbólicos da cultura. O princípio organizador desse sistema simbólico é a narrativa. Para Bruner (1997 [1990]), a narrativa é a linguagem que considera o particular e o simbólico, é a linguagem em que podemos interpretar os sentidos do mundo e de nós mesmos em uma lógica não formal. Dessa forma, a narrativa é mediadora entre o mundo canônico da cultura e o mundo dos nossos desejos e crenças.

Uma das características observadas por Bruner (1997 [1990]) é a natureza dual das narrativas, cujo postulado mostra que as histórias se passam em dois mundos: o mundo dos interlocutores, no qual a história está sendo contada, e o mundo da narrativa, que é o mundo dos personagens, onde a história está sendo relatada. Segundo o autor (BRUNNER 1997 [1990], p. 51), eventos e ações de um mundo real, que supomos verdadeiro, ocorrem concomitantemente com eventos mentais na consciência do protagonista.

Sendo assim, é oportuno observar que Cássia recorre a um evento passado, que é o encontro com a cartomante aos 10 anos de idade, para reconstruir toda sua trajetória de vida em um exercício de reorganização de suas experiências e memória, indo desde seu passado, caminhando pelo presente e indo em direção ao futuro. Sendo assim, durante a ação complicadora, para confirmar o acontecimento previsto pela cartomante, Cássia recorre ao mundo da interlocução, mostrando o mundo dual da narrativa.

Por exemplo, no fragmento 4, Cássia conta que a cartomante previu que ela voltaria a estudar, fato que é narrado no mundo da narrativa. Em seguida, ela diz “voltei a estudar”, que é um fato contextualizado no mundo das interlocutoras e que só pode ser confirmado como “real”, pois a pesquisadora é filha de Cássia e compartilha desse conhecimento. Cássia faz esse movimento de sair do mundo da narrativa para o mundo da interlocução com uma fala

mais acelerada, utilizando, ainda, um sinal corporal que, sob meu ponto de vista, ratifica sua própria fala, confirmando o acontecimento da previsão da cartomante.

O próximo exemplo, no mesmo fragmento, é a passagem gradual do mundo da narrativa para o mundo das interlocutoras que Cássia faz ao falar da própria casa “não ia ser feliz lá nessa casa aqui” (cf. linha 114). Segundo a interlocutora, a cartomante previu que ela viveria em uma “casa grande”, e que ela não seria feliz “lá”. Cássia confirma a previsão e se localiza vivendo nessa casa, marcando o advérbio com função dêitica “aqui”, com uma ênfase, e me interroga em uma pergunta retórica (cf. linha 114). Contudo, ela não quer uma resposta se está mesmo infeliz, pois a resposta já é conhecida, ou seja, essa resposta é, na verdade, mais confirmação da previsão da cartomante: uma inferência contextual de sua infelicidade. Nesse momento, ela repete o sinal corporal que auxilia essa ratificação.

Posteriormente, ela confirma novamente a previsão da cartomante, saindo do mundo da narrativa e indo ao mundo da interlocução, por meio de uma pergunta retórica (cf. linha 118). Cássia só pode utilizar esse recurso porque eu compartilho do seu contexto de vida. Também acredito que essa confirmação da previsão da cartomante que é contada no mundo da narrativa, por fatos que ocorreram no “mundo real”, ou seja, no mundo da interação é essencial para a (co)construção do futuro realizada por Cássia e para que a voz da cartomante seja ratificada.

#### Fragmento 4

108	Cássia	também futuramente viver com esse cara que eu ia voltar a	Ação complicadora
109		estudar >voltei a estudar< ((faz sinal, trazendo a mão do	
110		ombro para a frente do corpo, apontando para o chão, como	
111		se estivesse ratificando a própria fala)) ... que eu ia	
112		morar em uma casa muito grande morava em um quatinho	
113		mas depois ia morar em uma casa grande ... mas eu também	
114		não ia ser feliz lá nessa casa <u>aqui</u> estou sendo feliz <u>aqui</u> ?	
115		((faz sinal, trazendo a mão do ombro para a frente do	
116		corpo, apontando para o chão, como se estivesse ratificando	
117		a própria fala)) ... que eu não ia ser feliz com esse cara	
118		... E EU TO SENDO? ... não ↑to ... entende? ... MAS no	Resolução

Segundo Labov (1972), a resolução é a etapa de conclusão da série de eventos que se dá na ação complicadora e a coda é, por sua vez, a marcação de que a narrativa acabou. Na narrativa de Cássia, é possível observar a resolução a partir da linha 118 (cf. fragmento 5), em que a interlocutora conclui os eventos da ação complicadora e (co)constrói seu futuro. Seu ponto, demonstrado nas avaliações, é de que a cartomante é boa e acertou tudo em seu futuro. Cássia ratifica todas as previsões da cartomante na ação complicadora saindo do mundo da narrativa e indo ao mundo da interlocução. Todo esse esforço para chegar a sua resolução e transformar seu próprio futuro. Ela será uma mulher próspera e, como sua cartomante não erra, é muito boa, é quase certo que isso ocorrerá. Essa resolução está ligada fortemente ao futuro de Macabéa, interpretação que ficará mais clara no item 5 deste trabalho, quando abordarei a (co)construção identitária pela diferença. Na coda, Cássia fecha essa (co)construção, dizendo que devemos esperar esse futuro.



## Fragmento 5

118	Cássia	... E EU TO SENDO? ... não ↑to ... entende? ... MAS <u>no</u>	Resolução
119		<u>futuro que eu ia ser uma mulher bem pros- pro- pro-</u>	
120	Odete	próspera	
121	Cássia	próspera ... que eu ia ter o dom não sei como ela falou	Coda
122		que não sabe que eu ia ser bem de vida muito bem de vida	
123		não que esse cara ia fazer eu bem de vida ... mas que ia	
124		ter muita sorte ... vamos esperar né	

Desde o seu resumo, Cássia entra em uma espécie de congruência com a obra literária, recontextualizando a cartomante para traçar, em sua narrativa, toda uma trajetória de vida que irá se desenvolver na história propriamente dita, ou seja, na ação complicadora. De acordo com minha percepção, esse movimento de reinterpretar a própria vida a partir de uma dada perspectiva, se aproxima da concepção de Linde (1993) sobre história de vida, que se refere ao que contamos sobre como nos tornamos e o que transmitimos ao outro para que saibam quem nós somos (LINDE, 1993, p. 20). Em alguma medida, a narrativa em questão também se afasta dessa perspectiva pois, para a autora (1993), as histórias de vida são as narrativas episódicas, que explicam, por exemplo, porque escolhemos determinado caminho profissional. Segundo Linde (1993), nós somos as narrativas que contamos sobre nós mesmos. Cássia não conta um episódio específico sobre sua vida, mas recontextualiza toda sua história.

Linde (1993), que também amplia a perspectiva laboviana, argumenta que as histórias de vida, ou as narrativas de experiência pessoal, funcionam na criação e manutenção de identidades. Estamos sempre negociando o sentido de nós mesmos, de nosso “self” com nossos interlocutores. Nós contamos sobre como nos tornamos aquilo que somos e transmitimos ao outro o que eles devem saber sobre nós para nos conhecerem (LINDE, 1993, p. 20).

Na narrativa em análise é possível observar as duas características básicas das histórias de vida, segundo Linde (1993, p. 21): (i) ter um ponto sobre o falante, o ponto de Cássia – de que a cartomante contou toda a sua vida e é boa – na verdade, é um ponto sobre ela mesma e não sobre o mundo em geral. É por meio desse ponto que ela reconstrói toda sua experiência e refaz sua vida a partir do encontro com a cartomante, recriando um futuro de felicidade. É ainda por meio do ponto e das avaliações que Cássia (co)constrói sua identidade; (ii) ter reportabilidade estendida, que é a capacidade de a história ser contada e recontada por um longo período de tempo. Na narrativa de Cássia é possível ver essa característica, visto que o evento passado (a ida a cartomante) gera determinado recorte, uma organização temporal de suas experiências que podem ser recontadas e reorganizadas de outra forma. Em outro momento, fora da contextualização dada pela obra literária e sem a interação comigo, sua história de vida seria contada de outra forma.

Para Linde (1993), a avaliação é relevante na medida em que indica por que o narrador está contando determinado fato e pode revelar uma atitude ou uma crença em relação aos fatos. Para a autora (LINDE, 1993, p. 81), “a narrativa é uma apresentação de si mesmo, e o componente avaliativo, em particular, estabelece o tipo de eu que é apresentado”. Na narrativa de Cássia, como mostrei, as avaliações são direcionadas à cartomante, que é o ponto da história. Entretanto, penso que essa não é uma avaliação externa, sobre o mundo, mas é, na verdade, uma ratificação da voz da cartomante que é sua possibilidade de (co)construção de uma nova vida. O fato de a cartomante ser boa e a acertar seu futuro é crucial para a resolução e a coda, como dito anteriormente, e para a (co)construção dessa nova identidade de uma mulher próspera em rumo à felicidade.

### 3. No meio da história tinha uma história

Outro estudo que amplia a contribuição de Labov (1972) e problematiza as suas concepções realistas/representacionista é o de Bamberg e Georgakopoulou (2008), que passam a incluir, sob o escopo de análise, segmentos não canônicos, as chamadas “narrativas breves” ou “curtas”. Para os autores (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 381), as narrativas breves são um termo guarda-chuva que abrigam uma gama de atividades narrativas, como as narrativas de acontecimentos em curso, narrativas hipotéticas, alusões a eventos conhecidos pelo interlocutor, adiamentos de relatos e até recusas a narrar.

Segundo Bastos (2008, p. 77), há uma grande discussão em torno da oposição entre as narrativas longas, que geralmente, emergem em entrevistas e são as mais canônicas nos estudos sociológicos e antropológicos, e as breves que são as narrativas produzidas em um evento específico, em diferentes situações da vida social. Essas histórias, prototipicamente curtas em sua extensão, podem contar sobre um momento muito recente ou sobre um momento em desenvolvimento, o que nos leva a uma necessidade de compartilhar o que acabou de acontecer. Segundo Bamberg e Georgakopoulou (2008), as narrativas breves podem nos ajudar na elaboração de algum ponto argumentativo sobre a conversa. Logo, os autores se preocupam com a emergência de identidades no contexto de utilização dessas pequenas histórias, ou seja, eles observam sua emergência situacional e contextual.

Na interação informal com Cássia, contextualizada pela leitura da obra literária, vimos a produção de uma narrativa longa, bastante canônica em sua forma. Contudo, no meio dessa narrativa, enxergo a emergência de duas narrativas breves, encaixadas (cf. fragmento 6).

#### Fragmento 6

43	Cássia	carta pra mim mesmo dona maria cartomante tinha a girlene	Ação complicadora
44		e tinha o valdir ela deve ter- esses meninos nem sei se	
45		estão vivos moravam em cuitegi depois eles foram morar em	Orientação
46		campina grande ela mudou ... quando eu for lá pro norte eu	Ação complicadora/ Orientação
47		vou procurar a girlene era amiga minha e amiga da nazaré	Orientação
48		... aí ela falou tudo eu ia pra- eu saia de cuité pra	Avaliação/Orientação
49		guarabira a pé com ela que ela ia botar carta lá pro pessoal	
50		aí no caminho tinha um sítio lá de um conhecido dela e a	
51		gente pegava manga ... e ela ela dava pegar manga lá no	
52		sítio do homem pra comer ... uma vez estava pegando manga	Ação complicadora
53		e >o homem ele o moço< falou “que que tá fazendo aí?” vim	
54		pegar manga que a dona maria cartomante mandou pegar “ah::	
55		ta:: minha amiga pode levar as mangas pra ela” ... aí ela	

Essas narrativas (a primeira sobre os filhos da cartomante e a segunda sobre pegar manga em um sítio), apesar de serem breves e encaixadas na narrativa longa, me parecem possuir mais características da narrativa canônica do que da narrativa breve de Bamberg e Georgakopoulou (2008). Elas possuem organização temporal, reconstrução de eventos passados e estão conectadas com a história principal, que é a trajetória de vida de Cássia. Observando a estrutura básica da narrativa (LABOV, 1972), vejo que há apenas ação complicadora e orientação. O momento de avaliação “aí ela falou tudo” refere-se à cartomante e à trajetória de vida como um todo. No entanto, acredito que essas narrativas breves, consideradas como um todo, podem ter duas funções: a primeira de orientação e a segunda de avaliação.

Como podemos observar, na primeira narrativa breve há bastante orientação. Se considerarmos a narrativa como um todo, ela pode servir para orientar a trajetória de vida que será construída (é importante notar que as duas narrativas breves estão localizadas ainda no

começo da longa narrativa), explicando melhor quem é a cartomante e seus familiares, de onde veio essa relação, o ambiente em que elas viviam e como elas eram próximas. Cássia fala aqui de localização geográfica, espaço físico, relações de proximidade e o que acontecia nesse tempo.

Também considero que essas narrativas funcionam como avaliação, ou seja, como um posicionamento de Cássia, reforçando seu ponto de que a cartomante é boa. Quando um homem pergunta “que que tá fazendo aí?”, e ela explica que está pegando manga para a cartomante, fazendo com que ele mude de posicionamento (de questionador para aquele que dá permissão), me parece que Cássia avalia, de forma implícita, a cartomante como uma mulher boa e influente no contexto em que elas viviam, uma mulher amiga de todos. Sendo assim, podemos considerar que ela conta uma pequena narrativa de sua relação de proximidade com a cartomante para avaliá-la. O que pode corroborar essa interpretação é o fato de Cássia reiteradamente avaliar a cartomante de forma positiva, o que é essencial para sua construção identitária e para a construção de seu futuro.

É relevante observar que, além de mostrar características canônicas, a primeira narrativa, de certa forma, foge ao padrão da narrativa prototípica. No momento que chamo de ação complicadora, Cássia insere um enunciado hipotético “quando eu for lá pro norte eu vou procurar a gírlene”. Depreendo que esse tópico faz parte da pequena história, quando ela me conta quem são os filhos da cartomante, o que faz ela se posicionar em uma possível busca por essa pessoa que era sua amiga. Creio que essa construção não está desvinculada de sua reconstrução das experiências passadas que a faz projetar seu futuro.

#### **4. Construção pela diferença**

Como já dito anteriormente, a narrativa é um modo de organizar a experiência, por meio de nossas práticas sociais. O ato de contar histórias nos permite agir sobre o mundo e uma dessas formas de ação é construir nossas próprias identidades, entendidas aqui como uma construção social, dinâmica e interpretativa (BASTOS, 2005). Segundo Bastos (2008, p. 77), quando criamos cenários, personagens e sequências de ações, nós nos posicionamos, sinalizando quem somos. Dessa forma, as narrativas podem ser entendidas como performances de identidades (MISHLER, 2002).

Mishler (2002) é outro estudioso que trata sobre construção de identidade na narrativa. O autor (MISHLER, 2002) compreende identidade como “práxis” e refere-se à posição dupla do indivíduo: aquele que atua no mundo e aquele que, reflexivamente, responde a esse mundo. Identidade é uma performance situada na prática social. Segundo Mishler (2002), a memória é reescrita na narrativa, e quando recontamos histórias, representamos nossas identidades. O autor (MISHLER, 2002) também explora as funções da ordem temporal em narrativas, fazendo uma distinção entre tempo cronológico e tempo experiencial (BASTOS; BIAR, 2015, p. 101).

Percebi ao longo de toda a interação, e na produção de outras narrativas, que Cássia se constrói pela diferença de Macabéa. Isso pode ser observado também nesta narrativa. Nossa interação começa com uma reflexão sobre o trágico futuro de Macabéa (cf. fragmento 7). Cássia afirma não ter gostado do final do livro que culmina com a morte da personagem, pois ela gostaria que Macabéa tivesse um futuro (cf. linhas 3 a 5). Eu retruco que Macabéa teve um futuro dado pela cartomante (cf. linhas 8, 11 e 12) e Cássia discorda, dizendo que foi um futuro da morte (cf. linha 7).

### Fragmento 7

3	Cássia	... MAS eu não gostei porque ela devia- ela morreu eu
4		queria que ela tivesse dado um futuro melhor pra ela ...
5		ter <u>casa::do</u>
6	Odete	MAS a:: cartomante deu um futuro né,
7	Cássia	deu o futuro da <u>morte</u> pra ela
8	Odete	NÃO A CARTOMANTE deu um futuro <u>brilhante</u> pra ela
9	Cássia	ela virou estrela morreu virou estrela né hehehe brilhante
10		o que? virou estrela né ... [morreu virou estrela]
11	Odete	[não a cartomante deu] um
12		futuro mas ela <u>nem</u> aproveitou né ela atravessou a rua e,

Esse descontentamento inicial com o (não) futuro de Macabéa é fundamental para compreender como Cássia, em (co)construção comigo, tenta se distanciar da personagem de Clarice Lispector. Da mesma forma que Macabéa, Cássia consultou uma cartomante, todavia o que aconteceu (e o que vai acontecer) com ela é diferente do que aconteceu com a personagem da obra de Lispector. Sendo assim, acredito que o ponto da narrativa em análise – Cássia foi a uma cartomante e ela era muito boa – é uma (co)construção identitária que a diferencia da personagem principal da ficção.

É possível observar essa (co)construção identitária pela diferença nas avaliações que Cássia promove. No fragmento 8, Cássia avalia sua própria cartomante positivamente, pois ela tem o “dom do divino” em contraposição a uma avaliação negativa de uma “cartomante fuleira”. O pronome demonstrativo “essas”, em meu entendimento, faz menção não a qualquer cartomante, de forma generalizada, mas à cartomante de Macabéa que errou. Nesse caso, o contexto é fundamental para compreender o surgimento dessa narrativa e os movimentos que Cássia promove para se construir como uma mulher com um futuro “próspero”, em suas próprias palavras.

### Fragmento 8

72	Cássia	... tinha dez anos isso ... tem cartomante que sabe mesmo	Avaliação
73		ela tem o <u>dom</u> que tem gente que tem o dom do divino lá de	
74		cima que nasce o dom com a pessoa ... não é essas cartomante	
75		fuleira não SAI DAÍ de cima das minhas coisas para com isso	

Cássia possui uma cartomante que acerta, diferente da cartomante de Macabéa que erra, e, apesar das avaliações negativas que ela dá sobre sua própria vida, no futuro ela ficará bem, como é possível observar na resolução (cf. fragmento5) em que ela refaz seu próprio futuro. Sua cartomante é uma voz do divino, ou seja, é uma voz de autoridade, o que fará a vida de Cássia dar certo no futuro, mesmo que nem ela nem a própria cartomante saibam como. Sua coda (cf. fragmento5) é quase uma certeza de que a cartomante, que já acertou tudo em sua vida como vimos ao longo na narrativa, vai acertar seu futuro, transformando-a para sempre, e colocando-a no caminho da prosperidade e da felicidade plena.

Segundo Ricoeur (1980), o final da história possui uma função primordial no processo de todo o enredo, que estabelece a ação humana não apenas no âmbito do tempo, mas também no da memória. Toda a narrativa, para o autor, é governada pelo modo como termina, ou seja, os enredos são governados pelas suas finalizações, mostrando a “mão dupla do tempo” (MISHLER, 2002, p. 104). Essa concepção leva Mishler (2002) a pensar em um modelo de

tempo narrativo e não cronológico da narrativa para entendermos como os indivíduos agem no presente em direção a um futuro desejável ou para longe de um futuro indesejável.

O que Mishler (2002) chama de “mão dupla do tempo” é uma alternativa para reinterpretação dos significados dos eventos passados, em que o interlocutor pode redefinir quem é e visitar o próprio enredo de sua vida. Para o autor (MISHLER, 2002, p. 105), “o passado não está gravado em pedra, e o significado dos eventos e experiências está constantemente sendo reenquadrado dentro dos contextos de nossas vidas”. Sendo assim, é possível dizer que nossa memória é reescrita na narrativa e que reescrevemos nossas identidades a partir do modo como nos representamos em nossas histórias pessoais.

Para Mishler (2002, p. 106-107), são recorrentes nas narrativas de histórias de vida os “pontos de virada”, que são eventos modificadores da compreensão sobre determinada experiência passada. Esses eventos levam a um novo senso de si mesmo e a mudanças que trazem consequências para a maneira como o interlocutor se sente e para as coisas que faz. Segundo o autor (MISHLER, 2002, p. 110), os pontos de virada, ainda, constituem uma característica geral de nossas múltiplas identidades. Essa resignificação de uma experiência passada, i.e, os pontos de virada, levam a uma re-historização do passado e à adoção de uma identidade que muda o significado das relações passadas (MISHLER, 2002, p.108). Minha mãe, ao me contar seu encontro com a cartomante, recontextualiza seu passado, reconstruindo suas memórias e reescrevendo a própria vida. Ela atribui significado para o que vive em seu presente e (co)constrói seu futuro, que será diferente do destino da personagem literária – uma identidade construída pela diferença.

Quando reconstrói seu presente, Cássia assume uma identidade de mulher infeliz, que de certa forma se cola à Macabéa. Entretanto, percebo seu ponto de virada, construído, discursivamente, em seu futuro (cf. fragmento 5, linhas 118 a 124) que é realizado no passado, pela cartomante – é a cartomante que lhe diz que seu futuro será próspero. Ou seja, em minha percepção, Cássia dá início a toda essa narrativa para se afastar da personagem da obra de Clarice Lispector, recontextualizando suas próprias memórias, construindo um futuro diferente.

O evento desencadeado pelo passado, que é a previsão da cartomante, se cumprirá no futuro, e ela se tornará, enfim, uma mulher “bem de vida”. É possível, nessa análise, observar a “mão dupla do tempo”: Cássia retorna a um evento no passado distante, quando tinha apenas dez anos de idade, para reconstruir seu passado mais recente, seu presente e o futuro. Em meu olhar, seu ponto de virada não é o acontecimento passado, mas a (co)construção de seu futuro, em que recontextualiza sua própria vida, reenquadra sua história no contexto de um novo final, revisando também sua identidade, isto é, ela não será mais uma mulher infeliz, mas sim uma mulher feliz e próspera.

## **5. Pesquisadora-personagem**

O que pretendo mostrar neste trabalho é que a interação entre a pesquisadora, a participante e a obra literária foi, em vários sentidos, uma via de mão dupla. Eu não apenas ouvi a história, mas faço parte dela, afinal a participante Cássia é minha mãe, o que reforça o aspecto autoetnográfico desta análise ao requalificar a relação entre objeto e observador, como propõem Ellis e Bochner (2000). Segundo Goodwing (1984, p. 237), em uma análise semelhante, em que um dos interlocutores se torna o personagem principal da história, esse participante não precisa ouvir o que está sendo dito para saber sobre os eventos descritos. Na narrativa em análise, na qual eu sou personagem da vida de Cássia, a partir do meu nascimento, é interessante notar que ela fornece orientações adicionais (cf. linhas 57 a 60 do

fragmento 9) sobre fatos que ocorreram antes de minha chegada ao mundo e cujo conhecimento eu não compartilho, como a perda de seu primeiro filho.

Na sequência abaixo (cf. fragmento 9), Cássia diz que “ia ter uma filha só” e que “ia perder uma criança” e retorna ao mundo da interlocução, da mesma forma como o faz em toda a narrativa para ratificar a previsão da cartomante, mostrando o mundo dual da narrativa (BRUNER, 1997 [1990]). Em seguida, como não compartilho esse conhecimento, ela dá uma explicação adicional, que entendo aqui como uma orientação sobre o que aconteceu, por que aconteceu, onde aconteceu e que pessoas estavam envolvidas.

### Fragmento 9

56	Cássia	falou ... <u>que eu ... ia ter uma filha só ia perder uma</u>	Ação complicadora
57		<u>criança ... e perdi uma criança do teu pai ... nós perdemos</u>	Orientação
58		<u>o primeiro filho dele ia perder ia abortar eu estava com</u>	
59		<u>uma feridinha no colo do útero perdi ... aí fiz uma</u>	
60		<u>coletagem lá na policlínica pagou teu pai ... e <u>depois</u> do</u>	Ação complicadora
61		<u>tratamento eu ia ter um UMA FILHA ... uma filha e que eu</u>	
62		<u>ia viver com esse homem até você ficar maior de idade ...</u>	

De acordo com Goodwing (1984, p. 237), o fato de compartilhar significados sobre os eventos descritos não libera o ouvinte de sua tarefa, pois o mais primordial não são os fatos narrados, mas a maneira como eles são representados. Ou seja, mesmo que eu compartilhe da história de vida de minha mãe, o modo como ela narra é único e entender como eu participo dessa narrativa se faz relevante. Sendo assim, é necessário compreender como eu me constituo personagem de sua história. Na linha 61 (cf. fragmento 9), Cássia organiza seu discurso mostrando mais uma previsão da cartomante, de que ela teria “UMA FILHA”. Em seguida, na linha 62 (cf. fragmento 9), ela liga essa “filha” do mundo da narrativa a mim, por meio do pronome de tratamento dêitico “você”, ratificando, mais uma vez, a previsão da cartomante como um acerto e me transformando em personagem da narrativa.

Goodwing (1984, p. 237), mostra que o personagem principal pode ser confrontado com a tarefa de estar disponível em um determinado lugar na história e ter o seu comportamento organizado a partir de outros participantes. Talvez, me observar como personagem em uma história alheia gere algum desconforto e constrangimento. É notável que eu tomo o turno e interpelo Cássia justamente quando ela está falando sobre essa filha, que, como já sabemos, se trata de mim (cf. fragmento 10). Quando ela retoma o turno da interação, o encadeamento da história já é outro e, me parece que, de alguma forma, eu tentei, de forma inconsciente, tirar o foco da atenção sobre mim mesma.

### Fragmento 10

96	Cássia	... <u>que:: eu tin- eu ia ter uma filha que ia ser professora</u>	Ação complicadora
97		<u>... impressionante professora ... entendeu? ... que não</u>	
98		<u>ia- que no momento não ia casar com ninguém ia morar com</u>	
99		<u>um homem com um rapaz ... está morando com um rapaz[hehehe]</u>	
100	Odete	[ela]	
101		falou isso tudo quando você tinha DEZ anos de [idade?]	
102		((com tom risonho))	

## Considerações finais

“Se esta história não existe, passará a existir”, como disse Rodrigo, o narrador fictício de Clarice Lispector em *A hora da estrela*. Todas as histórias passam a existir no momento em que são (co)construídas no aqui e agora. E essas mesmas histórias existem muitas vezes, sempre que as contamos, das diferentes formas que as contamos. É certo que Cássia provavelmente já contou e contará novamente sua história de vida muitas e muitas vezes, contudo o modo de organização desse discurso, nesse dado momento, proporcionado pela interação comigo e com a obra literária foi único, criando um contexto para a (co)construção da narrativa analisada.

Quando lemos uma obra literária podemos recontextualizar nossas próprias histórias, (co)construir identidades e interagir com o mundo. E assim o fez Cássia: ao entrar em contato com a obra de Lispector ela reconfigurou sua própria história de vida e se tornou autora do passado, do presente e do que virá no futuro. Mesmo colocando sua sorte nas mãos da cartomante, percebi em Cássia uma (co)construção identitária pela diferença. Uma não aceitação do destino da personagem fictícia da obra literária a fez querer mudar o seu próprio futuro discursivamente. Sua cartomante, que é diferente da cartomante de Macabéa, é uma cartomante que acerta e, dessa forma, é certo que ela se transformará em nova mulher. Cássia narra uma trajetória de vida rumo à felicidade plena.

Em toda essa reconstrução feita por Cássia, capto a importância da literatura como prática social, como possibilidade de reinterpretação de nós mesmos e do mundo que nos cerca; como possibilidade de reflexão crítica e de produção de um pensamento reflexivo sobre si mesmo e sobre o mundo. O movimento que Cássia faz por meio da leitura e de nossa conversa informal é a própria reflexão sobre a obra e reinterpretação de si mesma, recontando sua trajetória a partir de um ponto de contato com a história – o encontro com a cartomante. Isso passa a ser o ponto de sua narrativa – sua cartomante era muito boa e acertou tudo em sua vida. Cássia faz um exercício de memória, ao (co)construir a própria de vida, revisando suas experiências, baseando-se em um encontro com a obra literária.

Também é proveitoso, neste momento de conclusão, expressar o quão genuíno e poderoso foi, para mim, me colocar no papel de ouvinte a partir de uma perspectiva de pesquisa autoetnográfica. Sendo assim, não me tornei um “ouvinte recipiente” ou um pesquisador que não se inclui na pesquisa, mas, sim, uma interlocutora que escuta verdadeiramente o que o outro tem a narrar. Todos somos autores de pequenas histórias. Todos os dias temos algo muito importante para contar, quando chegamos em casa do trabalho ou da escola, sejamos adultos ou crianças, e sabemos como fazer isso discursivamente. E essa é a grande maravilha de estudar o discurso em sociedade.

### **"It had a fortune-teller and she read my future": analysis of a life story (co)constructed in interaction**

ABSTRACT: The objective of this study is to analyze a narrative produced by the interaction between the participant (mother of the researcher), the researcher and a literary text that contextualized the informal conversation. The methodological alignment is with a qualitative research (DENZIN; LINCOLN, 2006), because it is a study based on theories of social and interpretative bases and with autoethnography approach (ELLIS; BOCHNER, 2000), by connect a personal experience with sociocultural questions, exploring the familiar environment as a locus of knowledge construction. The results indicate that the speaker Cássia produced a canonical narrative, in labovian terms (LABOV, 1972), which constitutes a life story (LINDE, 1993) and (co)construct an identity (MISHLER, 2002) by the difference from the context of the previous reading, and the interaction with me who do not know the point of the story, i.e., the reason of the narrative.

Keywords: Narratives; life story; autoethnography; interaction.

## Referências

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text e Talk*, v. 28, n. 3, p. 377-396. 2008.

BASTOS, L. C. Diante do sofrimento do outro – Narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. *Calidoscópico*, v. 6, n. 2, p. 76-85. 2008.

\_\_\_\_\_. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópico*, v. 3, n. 2, p.74-87. 2005.

\_\_\_\_\_.; BIAR, L. de A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *DELTA*, v. 31, n. spe, p. 97-126, 2015.

BRUNER, J. S. [1990] *Atos de Significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

ELLIS, C.; BOCHNER, A. P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: Researcher as subject. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of qualitative research*. London: Sage, 2000.

GOODWIN, C. Notes on story structure and the organization of participation. In: J.M. ATKINSON e J. HERITAGE (Eds.), *Structures of social action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Ed.) *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.

\_\_\_\_\_. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LINDE, C. *Life stories: the creation of coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.

LISPECTOR, C. [1977] *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MISHLER, E. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Eds.). *Identidade - recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

RICOEUR, P. Narrative time. *Critical Inquiry*, Chicago Journals, v. 7, n. 1, p. 169-190, 1980.



ANEXO I

Transcrição

1	Cássia	vai dormir que você tá com o olhinho já vermelho pra dormir
2		... °vou escovar o dente de noite pra mim dormir entendeu°
3		... MAS eu não gostei porque ela devia- ela morreu eu
4		queria que ela tivesse dado um futuro melhor pra ela ...
5		ter <u>casa::do</u>
6	Odete	MAS a:: cartomante deu um futuro né,
7	Cássia	deu o futuro da <u>morte</u> pra ela
8	Odete	NÃO A CARTOMANTE deu um futuro brilhante pra ela
9	Cássia	ela virou estrela morreu virou estrela né hehehe brilhante
10		o que? virou estrela né ... [morreu virou estrela]
11	Odete	[não a cartomante deu] um
12		futuro mas ela <u>nem</u> aproveitou né ela atravessou a rua e,
13	Cássia	acho que ela não ↑olhou ↑o ↑sinal ↑fechado ... °entendeu°
14	Odete	assim eu eu acho que:: ... a intenção é- era de fato mostrar
15		que a personagem tinha uma vida totalmente miserável,
16	Cássia	é
17	Odete	e:: quando ela tinha a a possibilidade de[:: ...]
18	Cássia	[ter uma vida
19		melhor]
20	Odete	u::ma::
21	Cássia	uma vida digna [uhum]
22	Odete	[mas que] mas que é uma possibilidade de
23		sonho né [porque ...]
24	Cássia	[de sonho]
25	ODETE	a cartomante é um,
26	Cássia	é um sonho
27	Odete	não é uma possibilidade real né sei lá ela não não não
28		ganhou:: ... não ganhou ... um emprego melhor não é uma
29		mudança [ <u>real</u> ]
30	Cássia	[dete] olha né mas- a- ... tinha uma cartomante
31		... lá ... lá em cuité que se dava com a minha mãe ela era
32		boazinha ... quando a gente não tinha comida ela dividia
33		as coisas com a minha mãe °(era) cartomante ela° ... e ela leu
34		o meu futuro ...
35	Odete	uhum
36	Cássia	e deu certo.
37	Odete	o que?
38	Cássia	=°entendeu?° ... <u>que eu</u> ... ia morar com <u>homem</u> depois de
39		muito tempo quase trinta anos ... um homem <u>branco</u> família
40		de <u>fora</u> português não do brasil ... que eu ia morar em um
41		<u>quarto</u> em um lugar <u>pequeno</u> não ia ser <u>rica</u> ia morar em um
42		lugar <u>pequeno</u> ... ela contou toda a minha vida ela botou
43		carta pra mim <u>mesmo</u> dona maria cartomante tinha a girlene
44		e tinha o valdir ela deve ter- esses meninos nem sei se
45		estão vivos moravam em cuitégi depois eles foram morar em
46		campina grande ela mudou ... quando eu for lá pro norte eu
47		vou procurar a girlene era amiga minha e amiga da nazaré
48		... aí ela falou <u>tudo</u> eu ia pra- eu saia de cuité pra

49		guarabira a pé com ela que ela ia botar carta lá pro pessoal
50		aí no caminho tinha um sítio lá de um conhecido dela e a
51		gente pegava manga ... e ela ela dava pegar manga lá no
52		sítio do homem pra comer ... uma vez estava pegando manga
53		e >o homem ele o moço< falou "que que tá fazendo aí?" vim
54		pegar manga que a dona maria cartomante mandou pegar "ah::
55		ta:: minha amiga pode levar as mangas pra ela" ... aí ela
56		falou ... <u>que eu</u> ... ia ter uma filha <u>sóia perder</u> uma
57		criança ... e perdi uma criança do teu pai ... nós perdemos
58		o primeiro filho dele ia perder ia abortar eu estava com
59		uma feridinha no colo do útero ↑perdi ... aí fiz uma
60		coletagem lá na policlínica pagou teu pai ... e <de>pois
61		do tratamento eu ia ter um UMA FILHA ... uma filha e que
62		eu ia viver com esse homem até você ficar maior de idade
63		... lembro de tudo isso ... entendeu? ... QUE IA TER UMA
64		MULHER que ia atrapalhar muito nossa vida que eu deixar
65		ele ... tudo isso ... QUE QUE você tá fazendo aí ah tá é o
66		negócio pensei que estava arrancando a porta deixa ele
67		tirar ((interrupção do gato)) ... que ia atrapalhar muito
68		a minha vida hum ... MAS ... que essa pessoa ia morar em
69		outro lugar <u>que ia se arrepender</u> de ter me deixado e ter
70		ficado com a outra e aconteceu seu pai arrependeu ... tudo
71		MENINA ela ficou <u>mais</u> de uma hora conversando comigo minha
72		vida ... tinha dez anos isso hein ... tem cartomante que
73		sabe mesmo ela tem o <u>dom</u> que tem gente que tem o dom do
74		divino lá de cima que nasce o dom com a pessoa ... não é
75		essas cartomante fuleira não SAI DAÍ de cima das minhas
76		coisas para com isso ((interrupção do gato))
77	Odete	esse gato atrapalhando ... a minha narrativa
78	Cássia	é
79	Odete	rummm ((tom de brincadeira))
80	Cássia	=e:: e ... <u>que ele</u> ... e que ele ia morar num lugar e ia
81		morar em outro lugar e eu ia conhecer <u>outro cara</u> que eu ia
82		morar ... que esse cara era casado ... que eu ia morar com
83		esse cara e depois eu ia me arrepender que esse cara não
84		ia ser um bom marido para mim eu <u>nunca</u> dei importância para
85		isso ... Ó ... <u>tudo</u> ... e dep- e que o <u>teupai</u> que eu nem
86		sabia que eu ia ter ... que:: ... você ia ser descendente
87		de gente de <u>fora</u> ... <tua vó e teu pai era português> ...
88		entendeu? ... tudo ligou um dia desses eu estava lembrando
89		eu estava lembrando de tudo que teu pai ia morrer <u>só</u> no
90		apartamento ia morar <u>só</u> e ia morrer <u>só</u> e que a outra ia
91		ficar só perturbando e só pegar o dinheiro do cara queria
92		só dinheiro do cara ... esse dinheiro do meu ex-marido ...
93		e que <u>ele</u> ia morar <u>só</u> e que ele ia morrer <u>quase</u> com oitenta
94		anos ... dito e feito quase oitenta anos ... essa mulher
95		vou te contar dona maria cartomante é foda ... entendeu?
96		... que:: eu tin- eu ia ter uma filha que ia ser professora
97		... <impressionante professora> ... entendeu? ... que não
98		ia- que no momento não ia casar com ninguém ia morar com
99		um homem com um rapaz ... está morando com um rapaz [hehehe]
100	Odete	[ela]
101		falou isso tudo quando você tinha DEZ anos de [idade?]
102		((com tom risonho))
103	Cássia	=[dez anos]
104		de idade [dez anos de idade] o pessoal gostava muito dela

105	Odete	[po::]
106	Cássia	ela tinha muito (cliente) tudo que ela falava com as pessoas acontecia ... entendeu? ... e QUE EU ... não ia também futuramente viver com esse cara que eu ia voltar a estudar >voltei a estudar< ((faz sinal, trazendo a mão do ombro para a frente do corpo, apontando para o chão, como se estivesse ratificando a própria fala)) ... que eu ia morar em uma casa muito <u>grande</u> morava em um quatinho mas depois ia morar em uma casa ↑ <u>grande</u> ... mas eu também não ia ser feliz lá nessa casa <u>aqui</u> estou sendo feliz <u>aqui</u> ? ((faz sinal, trazendo a mão do ombro para a frente do corpo, apontando para o chão, como se estivesse ratificando a própria fala)) ... que eu não ia ser feliz com esse cara ... E EU TO SENDO? ... não ↑to ... entende? ... MAS <u>no</u> futuro que eu ia ser uma mulher bem pros- pro- pro-
107		
108		
109		
110		
111		
112		
113		
114		
115		
116		
117		
118		
119		
120	Odete	próspera
121	Cássia	próspera ... que eu ia ter o dom não sei como ela falou que não sabe que eu ia ser bem de vida muito bem de vida não que esse cara ia fazer eu bem de vida ... mas que ia ter muita sorte ... vamos esperar né
122		
123		
124		

## ANEXO II

### Convenções de transcrição<sup>2</sup>

...	Pausa não medida
.	Entonação descendente ou final de elocução
?	Entonação ascendente
,	Entonação de continuidade
-	Parada súbita
=	Elocuções contíguas, enunciadas sem pausas entre elas
sublinhado	Ênfase
MAIÚSCULA	Fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	Palavra em voz baixa
>palavra<	Fala mais rápida
<palavra>	Fala mais lenta
::	Alongamentos
[	Início de sobreposição
]	Término de sobreposição
( )	Fala não compreendida
(( ))	Comentário do analista, descrição de atividade não oral
“palavra”	Fala relatada, reconstrução de diálogo
hh	Aspiração ou riso
↑	Subida de entonação
↓	Descida de entonação

<sup>2</sup> Convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversa (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989), *apud* Bastos e Biar (2015).

Data de envio: 25/06/2017  
Data de aceite: 18/02/2018  
Data da publicação: 15/08/2018